

03-11-2020

Esperando a morte!

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

O período conhecido como espera da morte é intrigante.

Nessa coluna tratarei do assunto em quatro tempos:

1 - À espera de um milagre!

Quando entramos no corredor da morte desejamos que aconteça, na melhor das hipóteses, o surgimento de milagres, uma vez que, inconscientemente o Ego não quer desaparecer!

Independentemente de credos, crenças ou religiões, o nosso movimento mental se aproxima muito, ou como poderíamos dizer, se agarra em especulações da ordem do sobrenatural para a manutenção da existência - entramos na fase de barganha com os deuses (*digamos que a ficha ainda não caiu*), podendo ser qualquer um, conforme a crença professada - ou ocorre uma espécie de introspecção subjetiva que carrega a força sustentadora da vida ao encontro do Essencial, que é o significador da imanência humana - aqui ocorre o profundo entendimento da vida, a espiritualização da caminhada e a legítima transcendência. Na trincheira entre a vida e a morte parcerias são desenvolvidas na tentativa de evitar o rompimento do cordão de prata (a morte), que, numa visão metafísica, é elo que mantém a alma ou o espírito preso ao corpo. Na trincheira é preciso pactuar e desenvolver habilidades criativas para permanecer na vida. Quem não pactua anda a passos largos em direção à morte. A trincheira é palco fértil para (re)criação de subterfúgios mentais formadores das crenças dos milagres!

Na espera da morte é impossível não acontecerem as transfigurações mento-psíquicas que formam a ideiação miraculosa da permanência da vida. É impossível não imaginar um ressurgimento vital! Como também é impossível imaginar que o veículo condutor da vida (o corpo), com base num hedonismo ávido por excessos e fantasias, venha a perecer, desfalecer, deixar de existir...

2 - O corpo resiste à morte!

A morte (o fato) e a espera da morte (o processo) podem ser aviltantes para quem as espera. O *processo* pode ser doloroso, desumano e até degradante e o *fato* ser totalmente trivializado. Mesmo vulnerado e ferido pela jornada de luta imposta pelo avanço implacável da doença o corpo resiste à morte, ah... resiste, e como resiste! Na minha experiência de trabalho e de vida já presenciei centenas de pacientes com cânceres avançados e metastáticos, devoradores de órgãos, ou parte deles, sobreviverem e até manterem uma qualidade de vida razoável... situações que despertaram perguntas que nunca se calaram: como esses pacientes vivem dessa forma, com tumores altamente agressivos que comprometem vitalmente a função desse ou daquele órgão? Como sobrevivem após tratamentos tão tóxicos e devastadores de seus sistemas orgânicos como quimioterapia ou radioterapia?

Ou como sobrevivem com as parafernalias substitutivas de funções orgânicas, como por exemplo, se alimentar por meio de uma sonda conectada diretamente aos seus estômagos; respirar através de um orifício feito em suas gargantas ou evacuar por intermédio de uma bolsa colada em seus intestinos?

Será que os avanços biotecnológicos, por si só, garantiriam a preservação do corpo e, por conseguinte, da vida? Ou será que independentemente da tecnologia mantenedora da vida esses pacientes conseguiriam resistir? Ou como operar um milagre no templo da vida (no corpo) tão vulnerado pelo processo angustiante da espera da morte? Não sei, mas estou convencido de que o corpo resiste à morte e posterga em muito o tempo da sua espera!

3 - Nós devemos negociar com a vida ou com a morte?

Em meus pensamentos diários me pego com as seguintes questões: para termos a sensação de plenitude no gozo dos anos deveremos negociar com a vida - aquela que levamos - ou com a morte - aquela que tentamos adiar? Com qual das duas aprendemos, ou por qual das duas amamos, ou ainda, por qual das duas cremos e alimentamos a esperança de um mundo melhor? Será que vivendo nos preparamos para esperar a morte? Ou a morte passa ser o horizonte da vida para toda expiação da existência? Pensando na corrente vida - cuidado - morte, sendo cada elo importante para manifestação da Essência Humana, na medida em que rompemos com o cuidado empurramos a vida para o precipício? Ou será que diminuimos o tempo da espera da morte por falta de cuidado com a vida? A falta de cuidado com a vida retroalimenta os conflitos de mortes antecipadas. Aprendi com Maria Izabel, médica oncoliativista, que "*profissionais de saúde não têm a capacidade de oferecer uma morte em paz para os pacientes - porque morte em paz é da ordem da personalidade, é individual - porém os profissionais têm a obrigação moral de oferecer uma morte digna, sem sofrimentos desnecessários.*" Dito de outra forma, os conflitos de toda uma vida são reverberados no processo aqui chamado de "espera da morte", criando turbulências que vão perturbar a instalação da paz tão almejada no final da vida.

4 - Enfim, vivos até o final?

Será que na verdade a vida espera a morte para se findar ou a morte que vive furando a fila da espera para findar a vida?

Na espera da morte é corriqueiro pensar que a vida vai demasiadamente célere ao encontro da morte. Na tela mental de quem está esperando a morte o *trailer* da vida passa repetidas vezes na tentativa de ressignificá-la. Ao redor dos corpos resistentes em abandonar a vida, orquestras retumbantes harmonizam sinfonias de despedidas para uma vida que no mínimo deveria ter valido a pena ser vivida! A espera da morte nos coloca em situações amedrontadoras frente ao nosso desaparecimento e no senso-comum aflora uma fonte inesgotável de formas-pensamentos que nos transformam em quase tudo no leito esplêndido da morte: viramos anjos, demônios, crianças, bichinhos, amores, desamores, queridos, não queridos e tudo mais que as veredas imaginativas dos nossos veladores em vida permitir...! Lembrando das pérolas ouvidas durante a lida paliativista, menciono uma dita por uma filha à mãe que está esperando a morte: "*... Mãe não mudou nada, a senhora continua como todo mundo... sem saber quando vai morrer...*".

Essa filha tenta nos comunicar que o processo da espera da morte é vivo e pulsante: podendo ser alegre, triste, com choro, sem choro, em paz, em conflito, acompanhado ou solitário, dramático ou sereno, bonito ou feio, ou seja, vivo, como sempre deveria ser!

Então clamemos:

Que a espera da morte seja abundantemente viva!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum InterSindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.